

Disputa entre centrais leva Magri e Medeiros ao voto útil contra o PT

por Ricardo Balthazar
de São Paulo

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Antônio de Medeiros, cercou seu voto de segredo. Uma hora antes do horário de votação, ele permanecia indeciso entre Fernando Collor de Mello (PRN), Leonel Brizola (PDT) e Mário Covas (PSDB). O voto que ele não revelou só foi decidido depois que ele recebeu informações colhidas na boca de urna, em São Paulo, por cem companheiros seus.

Medeiros passou o dia preparando um churrasco para amigos em sua casa e esperando os resultados dessas sondagens. Se Collor de Mello estivesse em posição confortável na sua pesquisa particular, ele votaria no que apresentasse melhores chances, entre Brizola e Covas, de ultrapassar o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, e chegar ao segundo turno. Embora faça mistério, Medeiros admite: "Votei útil, conta o PT".

Principal expressão do chamado sindicalismo de resultados, Medeiros passou a maior parte da campanha eleitoral negociando seu apoio a Brizola, no início, e a Collor, mais tarde. Não assumiu nenhum dos dois, embora tenha gravado um depoimento para o programa de Collor na televisão e emprestado ao candidato do PRN um caminhão de som e diretores do sindicato como guias de Collor em duas excursões pelas fábricas de São Paulo.

Sua aproximação com Collor teve início no fim das articulações entre o seu grupo e o de Brizola. O dirigente sindical quase saiu vice do PDT, em negociações que — conduzidas por Aloysio Azevedo, o conselheiro político de Medeiros e Antônio Rogério Ma-

gri, presidente da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) — acabaram dando errado. Magri assumiu na semana passada seu apoio a Collor e também foi à televisão.

Todo esse intrincado jogo de alianças conduzido por Magri e Medeiros teve como objetivo firmar uma posição oposta à Central Única dos Trabalhadores (CUT), sua principal rival no movimento sindical, cujos dirigentes apóiam o PT. Os dois temem que uma eventual vitória de Lula os deixe sem espaço político tanto no meio trabalhista como nas relações com o governo.

Para eles, a vitória de Collor lhes garantiria a posição de interlocutores privilegiados do governo no movimento sindical.

"Se o Lula ganhar, a CUT vai crescer e nós vamos direto para a oposição", diz Magri. Ele e Medeiros consideram como hipótese mais provável a presença de Collor e Lula no segundo turno, embora ontem estivessem impressionados com o desempenho de Covas nos resultados das primeiras urnas. Uma vitória de Covas favoreceria um líder sindical hoje com pouca expressão: Joaquim dos Santos Andrade, presidente da Central Geral dos Trabalhadores (CGT), que reúne alguns dissidentes da CGT de Magri.

"Uma vitória do Lula tende a provocar uma diminuição das greves", acredita o presidente da CUT, Jair Meneguelli, que prevê, num governo do PT, maior agilidade no atendimento das reivindicações dos sindicatos. Nos últimos meses, os principais dirigentes da CUT e vários de seus filiados esqueceram das greves e se empenharam decisivamente na campanha.